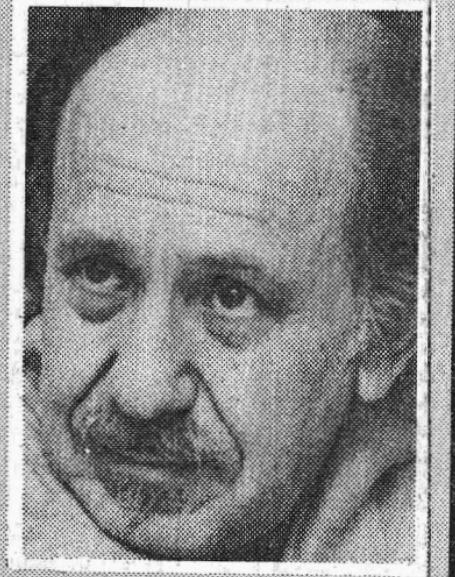


Tudo indica que essa recessão é pior que a de 81, a mais profunda desde os anos 30

242



A recessão se desencadeia com extrema violência. Ela era esperada para agosto, depois em setembro, e quando veio, veio de chofre. A perda de emprego industrial em São Paulo, no mês de novembro, foi a maior de toda a década de 80. Estou extremamente preocupado e pessimista. A queda de atividade, que já está acontecendo neste último trimestre apesar de todos os fatores sazonais, é muito grande. E vários fatores tendem a indicar que esse movimento se intensificará brutalmente no primeiro trimestre do ano que vem, em termos de desemprego.

Existem fatores multiplicadores que também são muito violentos. Cada pessoa que perde o emprego é um consumidor a menos. Mesmo que receba algum dinheiro de Fundo de Garantia e seguro-desemprego, o trabalhador se retrai diante da falta de perspectiva de emprego. Isso significa queda do consumo final e, evidentemente, queda a zero dos investimentos privados, e também públicos devido ao aperto das finanças públicas. O que compõe um quadro trágico. Tudo indica que essa recessão é muito pior que a de 1981, que foi a mais profunda recessão de que temos memória desde os anos 30.

Qual será a consequência no plano social e no plano político? Está sendo formada uma aliança, uma frente contra a recessão, que tem por base uma política de estabilização diferente da atual. Não tem sentido afirmar que, se alguém é contra a recessão, está automaticamente a favor da inflação. Esse dilema não está colocado para ninguém. Depois da experiência da quase hiperinflação, com uma taxa de 80% ao mês no começo deste ano, não está colocada a perspectiva de voltar a esse quadro como alternativa melhor que uma recessão violenta.

A exigência que se põe diante do país é de evitar uma recessão como a que está pintando e, ao mesmo tempo, evitar a hiperinflação. Não tem fundamento algum dizer que isso é impossível. É claro que é difícil. Não estou querendo dizer que será fácil evitar a recessão ou suavizar a recessão. Mas a luta contra a recessão já está ocorrendo. O fato de o governo ter proposto um abono de 3% e, no dia seguinte, sem nenhuma negociação, elevar o abono para 12%, é um indicador de que se criará no Congresso uma maioria contra a recessão.

Para começar, a reunião da Frente Nacional de Prefeitos, em Manaus, tirou um manifesto, afirmando a luta contra a recessão como prioridade máxima. Uma frente de governadores contra a recessão também é uma bela probabilidade. Duvido que qualquer um dos governadores eleitos tenha qualquer compromisso em defender a recessão, como caminho para dominar a inflação. Sinto que haverá um isolamento maior ainda da equipe econômica do governo federal, na medida em que ela pretende levar essa política a ferro e fogo.

A única forma de essa política ser levada até um final feliz seria uma queda muito rápida e consistente da inflação a partir de dezembro. Não acredito nisso. A recessão estabilizou a inflação em torno de 15%. Mas quando uma empresa reduz a produção e o nível de emprego, o custo unitário de seus produtos aumenta. Há muita empresa com condições de reduzir a produção, vender menos, mas cobrar preços acima de seus custos. E, a cada mês, a comparação entre o custo e o benefício da recessão será feita por toda a sociedade. Todos vão comparar a taxa de desemprego ao comportamento da inflação. Essa o governo vai perder.